

ARTES

Poemas
Carlos Vogt

Estes poemas fazem parte do livro *Mascarada*.

Mimese

Se a vida imita a arte
como punir
o plágio da existência?

Conversaço

Fomos nos falando um do outro
as coisas as pessoas os acontecimentos
as máscaras
numa sucessão de comentários
narrados pela estrutura curiosa
dos pequenos dramas nas páginas dos faits-divers

Enquanto caminhávamos
fomos nos curvando ao tempo
que há de tornar-nos horizontais
como um ponto de exclamação
tombado por terra
das surpresas que já não poderemos ter

Velox

Curvado contra e a favor do vento
o corredor imprime círculos
à sintaxe de seu movimento

Paulista

De Angélica a Paraíso
avenida vista monumento mármore
inferno lista purgatório pista
chácaras café casarões bancos passeatas
comemorações de torres de relógio
máscaras
saudades de ter sido o mapa urbis
do olhar abandonado da cidade púbere

Comics

Tão duro
tão macho
que dele - mesmo recuperado
de grave doença -
todos diziam - inclusive
os médicos -
que tinha tido
uma insensível melhora

Sábado

Depois de amanhã
vou recomeçar vida nova:
ao invés de subir pelas paredes
toda vez que a vejo com felicidade
vou descer a pé
ante pé
a ladeira da saudade

Capital Federal

O ar espesso de suspeitas
deixa-se talhar à faca
dos suspeitosos

Tempo Regulamentar

Em 1.958, na véspera do jogo definitivo da Copa do Mundo,
jogo que o Brasil ganharia de 5 a 2 da Suécia,
mas isso a gente ainda não sabia,
sabia sim que era 28 de junho, sábado, véspera de São Pedro,
dia de festa, de fogueira, pipoca, quentão,
quadrilha, logo mais à noite,
no quintal da casa da menina que nunca foi
minha namorada que eu sempre namorei
na manhã dos preparativos dos últimos folguedos juninos de 1.958,
eu, tendo vindo de Ribeirão Preto para as férias de meio-de-ano,
gozava a felicidade de estar ali a desfrutar
o longo mês de julho que não decorria,
quando ouvi, na Rádio-Nacional-Rio-de-Janeiro-Brasil,
o locutor que informava com antevisão burocrática
o calendário dos próximos e distantes campeonatos mundiais:
- A última Copa do Mundo do século XX, a de 1998, será na França.
Não sei por quê, mas ali, naquele quintal de chão batido,
naquele fim de rua de Sales Oliveira, de tão poucas ruas,
ali junto com os amigos, as amigas, na confusão dos sentimentos adolescentes,
a voz do locutor, disciplinada a mostrar
a organizada previsão do mundo - ao menos no futebol -,
acendeu-me o incômodo sinal de uma pergunta persistente:
- A quem interessaria saber isso de acontecimentos de quarenta anos depois,
se ali mesmo nem julho havia começado?
- Como antever a passagem de tanto tempo,
sem a inscrição da vivência degustada de cada instante?
Não sei por que bobagem de cabriolas de pensamento
lembrei-me outro dia dessa impressão do rapazinho
de muitos anos atrás: há quase quarenta anos,
o Brasil venceu a Copa do Mundo na Suécia,
e nada mais.